



## ARTISTAGENS, MÍDIAS E CRIAÇÕES TRANSFORMANDO A ESCOLA

Maria Cristina Ratto Diederichsen - UFSC<sup>1</sup>

**Resumo:** Diante das crises/transformações que atravessam as práticas educativas nestes tempos de neoliberalismo, globalização e informatização das sociedades, este artigo visa pensar perspectivas e procedimentos que possibilitem, a educadores e educandos, uma potencialização poética de suas existências, de suas relações com o outro e com a cultura e, do próprio processo de ensinar/aprender. Caminhos auto-poiéticos, em atividades artísticas e multimidiáticas, são dispositivos de transformação da escola, propiciando aos sujeitos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem, a invenção de maneiras singulares de percorrer as paisagens descontínuas e sinuosas da contemporaneidade, o desenvolvimento das habilidades de criar o próprio pensamento, a própria vida, questionar as maneiras habituais de percepção, de formar trajetos nos quais possam aprender a olhar, sentir, acolher e re-criar o mundo.

**Palavras-chave:** auto-poiése, poética, diferença

### Abertura

*A nossa, é essencialmente uma época trágica, e nos recusamos, então, a aprendê-la tragicamente. O cataclismo ocorreu. Estamos entre ruínas, começamos a construir novas pequenas moradias. É um trabalho duro, não há caminhos fáceis para o futuro, mas nós pulamos os obstáculos. Vivemos, não importa quantos céus tenham caído.*  
D.H. Lawrence

Vivemos em um momento no qual a cultura se transformou profundamente, se tornou uma “cultura-mundo, uma cultura do tecnocapitalismo planetário, das indústrias culturais, do consumismo total, das mídias e das redes digitais, (...) transcendendo fronteiras, reconfigurando o mundo em que vivemos e a civilização por vir.”<sup>2</sup> As mídias e o ciberespaço se tornam canais de nossa relação com os outros e com o mundo, instaurando novas percepções marcadas pela interconexão e pela interdependência. Estamos conectados com todos... O local mais remoto está ligado ao global, há um encolhimento do espaço e também do tempo. Multiplicam-se as hibridizações e a diversidade de valores.

Atravessamos cenários delicados e extraordinários. Momentos culturais desterritorializados, incertos, plurais, onde o virtual e o real se interpenetram, diferentes olhares se cruzam, múltiplos discursos se tocam e se transformam, tecendo redes instáveis e ondulantes, gerando

<sup>1</sup> PPGE- MESTRADO - UFSC

<sup>2</sup> LIPOWETSKY, G, e SERROY, 2011, p. 7.

inseguranças, possibilitando também novas maneiras de estar e recriar nosso mundo. A arte se transforma, cada vez mais, “no exercício experimental da liberdade”<sup>3</sup>, abandonando os modelos clássicos e navegando por oceanos de estranhamentos e singularidades. A educação escolar é desestabilizada pelos ventos de tantas mudanças nas relações, nas formas de comunicação e aprendizagem, pelos terremotos das desconstruções epistemológicas, pelos abandonos e suas violências.

As escolas são confrontadas com a necessidade de construir novas formas de criar e compartilhar conhecimentos, de aprender a lidar com suas dificuldades em transformar as formas de fazer educação, tão ligadas à reprodução dos modelos de estratificação, competição, exclusão, controle, dominação, que caracterizam as práticas econômicas em nossa sociedade; de propiciar práticas educativas que se utilizem das novas conjunturas e tecnologias de forma crítica e aberta, favorecendo processos de subjetivação, ampliação de horizontes e a promoção de relações mais democráticas, solidárias e éticas.

Como transformar estes hábitos arraigados e efetivar tais mudanças?

### **Mesmices e transformações nas escolas**

A educação escolar atravessou, pelos tempos, paisagens que, alternadamente, enfatizaram disciplina, adestramento, controle, autonomia... Tais conceitos têm suas raízes na Maiêutica socrática, na Paidéia grega, no pensamento platônico. Ao dividir o mundo em *idéias e aparências*, a filosofia de Platão apontou no homem uma incompletude e a (des)coloriu com um não estar ainda vivendo o ideal, o perfeito, mas uma sombra. Existiria, para ele, um modelo de perfeição *a priori*, uma *montanha elevada*, cabendo a nós, seres imperfeitos, galgá-la e, talvez, alcançá-la. O pensamento platônico, por um lado, abriu espaços - estes percursos entre o que é e o que pode ser, e, por outro, fechou perspectivas, fixando *idéias-verdade*, destinos pré-traçados, negando a valor da criação e da experiência.

Tais enfoques foram reproduzidos no discurso moderno que reafirmava uma verdade única, objetiva, racional, determinada por causas identificáveis pela ciência. A constituição do sujeito livre e capaz de ação racional, universal, é o sentido máximo do projeto pedagógico da modernidade. Um sujeito, todo poderoso, senhor do planeta e do universo, pura substância pensante, reduzido ao *logos*.

No entanto, as propostas iluministas de liberdade e domínio da realidade resultaram, na preponderância dos interesses econômicos, na corrida desenfreada dos mercados, na doentia

---

<sup>3</sup> PEDROSA, M, apud CANTON 2009, p. 11.

ambição capitalista, na quase destruição do planeta, na mediocridade padronizada da sociedade de consumo, no desenpoderamento dos cidadãos “comuns”, na constituição de uma escola que serve, menos à (trans)formação humana, do que aos interesses do capital globalizado. Estes estreitamentos das perspectivas educacionais desembocaram em metodologias e currículos escolares que dividem e isolam os saberes, proporcionam um pensar (e um não saber pensar...) especializado e restritivo, onde estão ausentes criações, visões de conjunto, reflexões, descobertas e, sobretudo, a alegria de ensinar e aprender.

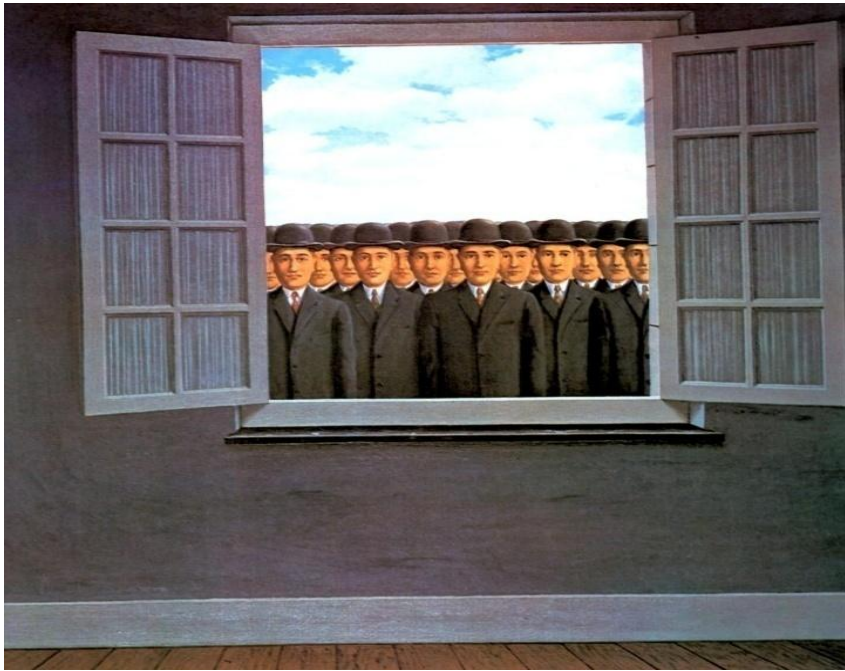


Figura 1 - Magritte, *O mês da vindima*. óleo s/ tela, 1959. Fonte: **Magritte**, Civ. Brasileira, RJ, 1995.

Muitas escolas se limitam a exercer um papel de controle social, fazendo a inserção do aluno na “máquina de produção”, colocando-o numa postura passiva, destruindo sua curiosidade, sua iniciativa, seu entusiasmo em construir conhecimento. A aprendizagem, porém, é um processo sobre o qual não se pode exercer controle: “Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender – que amores tornam alguém bom em latim, por meio de que encontros, se é filósofo, em que dicionários se aprende a pensar. Os limites das faculdades se encaixam uns nos outros sob a forma quebrada daquilo que traz e transmite a diferença. Não há métodos para encontrar tesouros, nem para aprender (...).”<sup>4</sup>

<sup>4</sup> DELEUZE, G. 2009, p237.

Quais podem ser, então, os papéis da escola na contemporaneidade? Talvez possibilitar uma educação voltada à descoberta e experimentação de outros modos, mais amorosos e solidários, de vivermos juntos? Criar novas possibilidades de mundo, mais felizes, diversificados e poéticos?

Alguns educadores estão buscando transformar as estruturas administrativas e práticas didáticas que ainda fomentam uma homogeneidade de olhares, os currículos que apresentam conhecimentos fechados, compartimentados, desproblematizados e desligados da vida, transformar esta pedagogia *arbórea*, enraizada na univocidade de narrativas dominantes. Pois, como sugere Deleuze,

Não devemos mais acreditar em árvores, em raízes ou radículas, já sofremos muito. Toda cultura arborescente é fundada sobre elas, da biologia à lingüística. Ao contrário, nada é belo, nada é amoroso, nada é político a não ser que sejam arbustos subterrâneos e as raízes aéreas, o adventício e o rizoma. (...) Os paradigmas arborizados dão lugar a figuras rizomáticas, sistemas acentrados, (...) estados caóticos. Sem dúvida, este caos está escondido pelo esforço das facilidades geradoras de opinião, sob a ação dos hábitos ou dos modelos de reconhecimento; mas ele se tornará tanto mais sensível, se considerarmos, ao contrário, processos criadores e as bifurcações que implicam.<sup>5</sup>

Muitos estabelecimentos de ensino estão erigidos sob este modelo arbóreo, mantendo uma estrutura rígida, burocrática e conservadora. As condições precárias e de abandono de muitas escolas, os baixíssimos salários pagos aos educadores, a proletarização e desvalorização social dos docentes<sup>6</sup> contribuem para que a profissão docente não seja atrativa. Os afazeres e exigências cotidianas dificultam ao professor sua formação contínua, a transformação de sua prática didática, terminando por gerar, em muitos casos, uma crescente desmotivação.

Faz-se necessário empenharmo-nos no agenciamento de formas interativas /rizomáticas que atualizem uma pedagogia da diferença, possibilitem acontecimentos, despertem motivações e saibam utilizar desregulamentações como forma de aflorar autorias, criações, invenções, convertam a escola em um fórum de debate, busca ativa, pesquisa permanente... Como?

### **Escolas , mídias, rizomas e auto-poiése**

*A linguagem é sempre potência; no espaço da fala, nenhuma inocência,  
nenhuma segurança.*

*Roland Barthes*

---

<sup>5</sup> DELEUZE e GUATTARI, 2000, p25.

<sup>6</sup> TARDIF, M. e LESSARD, C. 2005.

Como, em meio ao descaso e à aridez que ainda prevalecem em muitas escolas, possibilitar experiências de abertura, delicadeza, cuidado, que despertem processos poéticos de subjetivação, atos de criação, encontros?

Acreditamos que a percepção de nossa capacidade criadora e significadora de mundos, de nos fazermos *projetos em construção* é que nos confere potência. Ao entrecruzarmos, no ensino da arte, nossas vivências, com o fazer artístico, estamos construindo nosso projeto-de-ser, nossa *auto-poiése*.<sup>7</sup>

Esta construção *auto-poiética* nos possibilita segundo Morin:

Não ceder diante da intimidação, assumir nosso próprio pensamento (dizer o que temos a dizer e não o que deve ser dito). Leva-nos a unir os segredos da adolescência (suas aspirações profundas) com os segredos da maturidade (a reflexão). (...) Convida-nos a estabelecer um diálogo entre as nossas múltiplas personalidades que se ignoram. Faz com que exercitemos o diálogo com nossos mitos e nossas idéias, sem que nos deixemos possuir inapelavelmente por eles. Lembra-nos que a interpretação está sempre presente no que nos parece objetivo e/ou nos ensina a desconfiar de nossos olhos (...).<sup>8</sup>

O caminho auto-poiético não existe a priori, precisa ser inventado de maneira singular e percorre paisagens descontínuas e sinuosas... Implica ser criador do próprio pensamento da própria vida, questionar as maneiras habituais de percepção, formar trajetos nos quais se possa aprender a ler, percorrer e re-criar o mundo. Implica, ao mesmo tempo, reconhecer-se em contato com os outros, fazer parte de uma rede, estar aberto para o que nos circunda, desenvolver posturas de acolhimento, ser coletivo. Mais do que adaptarmo-nos ao nosso nicho-universo, somos seus produtores. “Mas reconhecemos igualmente, que o mundo exterior já está sempre incluído no organismo cognoscente que produz. No vivo, o mundo se redobrou localmente em máquina autopoietica e expoiética, produtora de si e de seu fora.”<sup>9</sup> O mundo se dobra e se redobra. A dobra é o acontecimento, a bifurcação que dá surgimento às multiplicidades e sempre poderiam ser dobradas de outra maneira. A subjetivação constitui um *dentro* que é também a dobra do *fora*. “A cada vez, no lugar de entidades homogêneas e bem recortadas, descobrimos uma infinita diferenciação do ser segundo dobras, passando continuamente umas as outras.”<sup>10</sup>

A expressão *máquina autopoietica*, poderia, como o conceito *máquinas de subjetivação*, propostos por Foucault e Deleuze, ter uma apreensão negativa por evidenciar uma parte não humana no processo de constituição das subjetividades. O que é afirmado, porém, não é a

<sup>7</sup> MATURANA, 2005.

<sup>8</sup> MORIN, 1995, p. 97

<sup>9</sup> LEVI, P. 1998, p 4..

<sup>10</sup> Idem, p5.

existência de um determinismo/ automatismo, e sim que a “subjetividade não é fabricada apenas nas criações singulares, mas também nas grandes tramas sociais, mass -mediáticas, linguísticas, que não podem ser qualificadas de humanas.”<sup>11</sup>

A comunicação digital ocupa hoje, ao lado da televisão, o espaço de comunicação/informação que jovens e crianças mais utilizam em seu tempo livre. Ao contrário da televisão, o uso de computadores e da internet não é uma atividade eminentemente passiva, e, se devidamente trabalhada, pode vir a ser um dispositivo de invenção, confraternização e aprendizagem ativa. “As Mídias são mais que instrumentos, elas chegam a fazer parte de nossa vida, quase como uma forma de extensão através da qual construímos relações, conhecimentos.”<sup>12</sup>

O desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação tornou possível um consumo abundante de imagens e, ao mesmo tempo, a multiplicação dos canais e das trocas de informação, canais que ampliam, mas também manipulam os conhecimentos.

Eis a era do mundo hipermediático, do cibernundo, estágio supremo, mercantilizado, da cultura. (...) janela sobre o mundo, ela não cessa de remodelar nossos conhecimentos sobre ele, difunde em todo planeta, fluxos ininterruptos de imagens, transforma a vida política, os modos de existência e a vida cultural, impondo-lhes um novo modo de consagração, bem como a lógica do espetáculo.<sup>13</sup>



Figura 2 ; Jenny Holzer, **Proteja-me do que quero**. Instalação na Times Square, NY. 1985. Fonte: [www.e-flux.com/.../jenny-holzer-at-printed-matt..](http://www.e-flux.com/.../jenny-holzer-at-printed-matt..) Acesso em 05.03.12

<sup>11</sup> GUATARRI, 1992, p. 20

<sup>12</sup> FANTIN, M. e RIVOLTELLA, C. 2010, p 100.

<sup>13</sup> LIPOWETSKY, SERROY, 2011, p. 10.

As mídias têm, ao mesmo tempo, um caráter multiplicador e uniformizador, manipulando as opiniões, infantilizando-as, desarticulando significações, abrindo um leque tão amplo de imagens que podem gerar apenas confusão, desorientação e sentimentos de impotência. O impacto que vêm exercendo na concepção tradicional do que é o conhecimento é muito significativo, questionando profundamente as estruturas, os objetivos e os processos da educação.

As linguagens midiáticas não são neutras, veiculam valores, de poder e podem instituir desigualdades sociais. Os ambientes tecnológicos também podem excluir, ativando novas estratégias de segregação social, impondo uma lógica eficientista, qualidade sacralizada pelo neo-liberalismo, “implantando mecanismos de controle muito sutis ao redefinir as noções de tempo e espaço em termos de representação, ao implementar uma cultura tecnocrática e uma gestão do conhecimento com objetivo de gerar vantagens competitivas.”<sup>14</sup>



Figura 3: Foto M.C.Diederichsen, Estudantes em visita ao Museu Victor Meirelles, 2010.

As atividades artísticas e a Mídia-Educação, por propiciarem espaços sociais de criação, podem nos auxiliar a criar caminhos pedagógicos mais criativos e rizomáticos. As formas de agenciamento autopoiético propiciadas pelos novos meios eletrônicos podem (ou não...) atuar entre os sujeitos envolvidos em uma da relação de ensino/aprendizagem, propiciando um

---

<sup>14</sup> MARTIN, in HERNANDEZ, 2006, p.122.

ambiente educativo rico em experiências humanas, flexível em sua natureza dialógica e ético em sua concepção cooperativa. Para tanto podemos evitar duas posturas, a primeira um acomodamento na educação tradicional e nas formas de educar instituídas; a segunda, uma crença que as novas tecnologias, em si, possam se encarregar dos processos educativos. A mera introdução das tecnologias de informação e comunicação nas escolas, não representa, uma mudança de paradigma ou modelo pedagógico.

Se desejamos inovar as práticas educacionais, há muitas reflexões e indagações a serem desenvolvidas sobre as relações estabelecidas na cultura, na arte, na sociedade multitela e no espaço escolar: o que significa ensinar no século XXI? Qual o papel dos professores e dos alunos no processo de aprendizagem? Qual o papel das diferentes linguagens: textual, artística, visual, audiovisual, informática, no ensino/aprendizagem?

O que fazem, pensam e dizem as crianças a partir de suas interações com as mídias e tecnologias em contextos informais e quais as possibilidades de mediação adulta em contextos formativos? Como a escola no sentido da educação formal se relaciona com as práticas culturais das crianças desenvolvidas em contextos informais? Que deslocamentos e estratégias são necessários para trabalhar pedagogicamente com a especificidade dos âmbitos de educação formal e informal?<sup>15</sup>

Os professores estão sendo desafiados a lidar com estas questões, a questionar o senso pedagógico comum, ultrapassar estereótipos, fazer escolhas, redesenhar trajetórias, abrir seus horizontes e seus modelos de formação cultural, a atender à ampliação do campo de interesses dos estudantes desencadeada pela cultura digital, a aprender a ensinar utilizando as novas tecnologias (que estão continua e rapidamente se renovando), a trabalhar com os recursos que dispõem, tantas vezes quase inexistentes ou pouco adequados. A construir uma educação que possibilite:

não apenas instrumentalizar e capacitar crianças, mas também empoderá-las, no sentido de fazer escolhas com critérios e, de qualificar suas situações de aprendizagem, de autoria e participação em contextos formais e informais, trabalhar a relação das crianças com as tecnologias, utilizando as possíveis condições precárias, justamente para a possibilidade de refletir, desconstruir e descondicar essa relação.<sup>16</sup>

Os estudantes também têm seus desafios... Muitos alunos estão ainda atuando mais como consumidores do que como produtores de cultura. Mantém-se numa postura passiva, advinda da sujeição a uma “pedagogia bancária”, prática tão criticada por Paulo Freire.<sup>17</sup> Em seu tempo de lazer, suas relações habituais com o ambiente digital, crianças e adolescentes pouco

<sup>15</sup> FANTIN, M. e RIVOLTELLA, 2010, p 94.

<sup>16</sup> FANTIN, M e RIVOLTELLA, C. 2010, p 96.

<sup>17</sup> FREIRE, Paulo. 1979.



encontram condições de agenciar as torrentes de informações e contextos que se lhes apresentam, se limitando, muitas vezes, a reproduzir comportamentos e valores. Não conseguem desencavar significações, precárias que sejam, ou traçar um caminho neste labirinto de imagens e palavras.<sup>18</sup> Repete-se, no âmbito digital, o desenpoderamento com que se deparam frequentemente na escola, hipotecando o prazer do descobrimento em troca da aprovação e da aceitação em um grupo. Os aprendizes são desafiados confiar em suas próprias capacidades de construir sua educação, responsabilizando-se também por seus processos de aprendizagem, a lutar para que as atividades escolares tenham mais a ver com suas vidas, seus desejos e subsidiem seus projetos possibilitando assim, “que escrevam sua própria história e que mudem a que já está escrita.”<sup>19</sup>

As instâncias administrativas têm manifestado que pretendem dotar as escolas, tanto do equipamento técnico como das aplicações informáticas necessárias, formar professores em exercício no conhecimento das novas tecnologias e desenvolver experiências didáticas de uso dos computadores, multimídia e internet a fim de desenvolver com os alunos potencialidades que os capacitem para interagir na cultura da sociedade da informação e do conhecimento. Executar tal tarefa implica em importantes investimentos econômicos em recursos tecnológicos e na criação de redes educativas, no pagamento de salários dignos aos docentes, na formação contínua de professores e de comunidades virtuais de aprendizagem.<sup>20</sup> Implica em estarem realmente interessadas na educação, em viabilizar a democratização das relações educacionais (ao invés de buscar resultados quantitativos com pretensões eleitoreiras), em estar realmente assumindo seus compromissos com a população, com os modos de ser que almejamos, com sua participação na criação dos mundos em que queremos viver.

Podemos promover uma cultura de mudança pedagógica e tecnológica na escola. As linguagens midiáticas quando trabalhadas inventiva e criticamente, potencializam os sujeitos, para que saberes sejam pensados, não com algo pronto que é “depositado, mas como algo continuamente negociado e renegociado, tornando-se produto de um processo social que tende a desenhar um perfil de verdade como resultado de um acordo entre as pessoas.”<sup>21</sup> Possibilitando-os reconhecer, diante de qualquer fenômeno, as concepções que o regem, de que lugar parte o olhar, perceber que a realidade é construída a partir de diferentes pontos de

---

<sup>18</sup> SANTOS, A. 2003.p 21.

<sup>19</sup> HERNANDEZ, F. 2006, p. 46.

<sup>20</sup> AREA, M, in HERNANDEZ, 2006, p.167.

<sup>21</sup> FANTIN, M. e RIVOLTELLA, C. 2010, p. 101.

vista e que uns se impõem a outros, nem sempre por argumentos mas pelo poder de quem os estabelece.

Com a ampliação do conceito de interação docente, as escolas podem ser locais onde estudantes interagem entre si, com especialistas, companheiros da comunidade e do mundo, criando múltiplas formas de representar o saber, trazendo o mundo para dentro da sala de aula, desdobrando passagens, dissolvendo as paredes da escola e possibilitando a construção do conhecimento na própria vida.

Aprender, nesta perspectiva, passa a ser um processo contínuo e dinâmico, um espaço relacional, que se estende ao longo da existência. O conhecimento passa a ser uma atividade agudamente atenta a sua própria abertura, a sua própria suscetibilidade, a seu próprio poder de ser afetada pelas ondulações do campo problemático em que ela compõe suas veredas, suas andanças, suas passagens, seus intervalos. “O conceito de cognição é aqui intensificado e expandido pela criação, que lhe confere dinamismo, potências de devir, gera movimentos, problematiza o que se encontra instituído, expande e surpreende, dobra, redobra e desdobra realidades,”<sup>22</sup> abrindo caminhos que reverberem com os desejos dos estudantes e adentrem sua sensibilidade, propiciando o despertar potencialidades adormecidas.

São muitas as transformações a serem realizadas se quisermos construir, com os estudantes, conhecimentos que lhes permitam viver intensamente o tempo que lhes cabe, preparar-se para um futuro incerto, um trabalho em mudança e uma constante complexificação nas informações, nas relações sociais e no mundo.

### **O ensino da arte na era digital**

Convivemos, desde os tempos mais remotos, “com o mistério da vida: um sopro ou energia que faz com que identifiquemos a existência de alma no nosso entorno. Podemos observar que desde o final do século XX, as pessoas se distanciam, cada vez mais, de atividades relacionadas a ‘vida orgânica’ para se aproximar da ‘vida mecatrônica’ no contexto da telemática, produzida pelas indústrias midiáticas”.<sup>23</sup> Mudanças velozes e ferozes ameaçam nossa sobrevivência, sacodem razões e valores e também permitem novas formas de vida. Vivemos nesta “cultura-mundo” que não apenas reflete o mundo, mas o constitui, o engendra, o modela, o constrói, o destrói, e isso de maneira planetária. A sociedade hipermoderna está

<sup>22</sup> ORLANDI in KASTRUP, V. 2007, p. 12-13.

<sup>23</sup> FRAGOSO, M. L 2010 / p.60.

desorientada, insegura, não ocasionalmente, mas de maneira estrutural e crônica. As tendências se divergem, se chocam, se transpassam

As indústrias da cultura se reestruturaram no caminho da racionalização, mas não os comportamentos, as aspirações e os pensamentos humanos. (...) O dinheiro-rei, o consumismo desenfreado, o universo superficial do divertimento, aparecem como forças que arruínam os valores éticos. Um individualismo que se transforma em egoísmo cobiçoso, um fechar-se em si que se opõe à solidariedade e à fraternidade, uma violência que se manifesta tanto nas explosões do terrorismo quanto na banalização da delinqüência e da criminalidade, um mercado que governa tudo, direitos humanos achincalhados.<sup>24</sup>

A virtualização das relações, dos meios por onde se dão essas relações, parece estar provocando um anesesiamento da percepção da importância do *vivo*, tanto da própria vida como da dos outros. Somos abordados constantemente por imagens de assassinatos, extermínios, genocídios, catástrofes, guerras... Crianças e adolescentes são convidados à brincadeiras e jogos onde o apelo à violência e à uma sexualidade vulgarizada aparecem como “naturalizados”. Alguns jogos eletrônicos, por exemplo, oferecem, em seu contexto, possibilidades de “matar” e “morrer” várias vezes, de receber “várias novas vidas”. Parece ser tão fácil, simples e banal, matar. As incursões nestas paisagens telemáticas podem levar a graves distorções de valores quando não acompanhadas de uma reflexão apropriada e, uma sensibilização da relações.

Por ser a arte o exercício experimental da liberdade,<sup>25</sup> a apropriação que ela faz do aparato tecnológico difere significativamente daquela feita pelos setores econômicos e industriais. Ela enxerga as tecnologias como instrumentos potenciais de criação, como formas de ampliação de campos perceptivos, de elaboração de linguagens próprias e interativas, propiciadoras de intervenções por parte dos espectadores, como potencializadoras da vida.

As experiências artísticas possibilitam travessias poéticas por estas paisagens, re-significando a relação dos sujeitos com o mundo, com as mídias, com a aprendizagem e com a própria escola. Um possível propósito no ensino da arte seria atribuir outras funções e finalidades às tecnologias, “*desprogramando* a técnica, distorcendo suas funções simbólicas, obrigando-as a funcionar fora de seus parâmetros conhecidos e explicitando seus mecanismos de controle e sedução.”<sup>26</sup>

<sup>24</sup> LIPOVETSKY, G. e, SERROY, J. 2011, p.17.

<sup>25</sup> PEDROSA, M. in CANTON, K. 2009, p.11.

<sup>26</sup> MACHADO 2004, p.10.



Figura 4: Foto M.C.Diederichsen., 2010

A arte contemporânea é nossa aliada nesta empreitada, pois diante da sua qualidade de estranhamento questionamos nossas referências, nossos padrões. Não somos mais os dominadores. Estas obras impõem-se, não se deixam ler, há uma rebeldia na sua presença. Elas nos desnudam, pois problematizam nossa relação com a realidade.<sup>27</sup> Apontam nossos espaços desabitados, as potencialidades não atualizadas em mundos, as ausências advindas dos buracos que as padronizações escavaram em nossos corações. A obra de arte de situa, para Blanchot, no reino obscuro da Noite, ela supõe a mirada do poeta, um sair de si e das pré-determinações do mundo, um ir ao Outro, *o absolutamente Outro, o manancial eterno do fora*.<sup>28</sup> A concepção blanchotiana da arte pode ser aplicada ao ensino da arte, pois na atual condição de muitas escolas, encontramos este clima de ausência, de desejos que não encontraram condições de constituir-se em mundos...

Ao abrir espaço para a criação destes mundos, a qualidade poética da arte propicia sensibilidades, delicadezas, uma percepção mais atenta de nós mesmos, dos outros, de nossas diferenças, nossos desejos, nossas vozes fragmentadas, nossos vários “eus” que se desconhecem...

A idéia de fragmento permeia o discurso sobre arte e cultura na contemporaneidade, produzindo indagações sobre a perda da totalidade do homem, perda de valores, perda de

---

<sup>27</sup> KONESKY, A. 2006, p. 50.

<sup>28</sup> BLANCHOT, M. 1987.

contexto social. Anne Cauquelin <sup>29</sup> nos oferece um contraponto, sugerindo que o processo fragmentador pode ser pensando a partir de seus traços positivos, como um processo produtor de sentidos. Os fragmentos e seus desdobramentos, através de uma prática auto-poética, se tornam conceitos operatórios, o sujeito passa a ser o espaço onde as coisas acontecem, não mais *representando* a realidade através da arte, mas *apresentando-a*. Passa a ser o *escultor* de flutuações, benevolências e liberdades. *Desenhista* de sua vida com o que está aí, mas diferentemente do que está aí. Passa a ser um *instalador* de devires. O ato criador, inventa deslocamentos, desvios, linhas de fuga, diferentes maneiras de se relacionar com as informações telemáticas e com o mundo:

A perspectiva artística é certamente a mais desviante de todas, uma vez que ela se afasta em tal intensidade do projeto tecnológico originalmente imprimido às máquinas e programas que equivale a uma completa reinvenção dos meios. (...) Talvez até se possa dizer que um dos papéis mais importantes da arte numa sociedade tecnocrática seja justamente a recusa de submeter-se à lógica do projeto social das máquinas semióticas, reinventando, em contrapartida, suas funções e finalidades. Longe de deixar-se escravizar por uma norma, por um modo estandardizado de comunicar, reinventam a maneira de se apropriar de uma tecnologia.<sup>30</sup>

No ensino da arte, ao trabalhar com linguagens multimidiáticas, nos deparamos com o desafio de nos abrimos às formas de produzir o presente, evitando que nossas propostas resultem simplesmente num endosso dos modelos de produtividade, eficiência e competitividade da sociedade tecnológica. O trabalho “com a artemídia deve traçar uma diferença nítida o que é por um lado, a produção industrial de estímulos agradáveis para as mídias de massa e, de outro, a busca de uma ética e uma estética para a era eletrônica.”<sup>31</sup>

Em uma época em que a globalização das indústrias do imaginário e do ciberespaço produzem uma cultura-mundo, uma cultura-indústria ( a indústria cinematográfica rende mais aos Estados Unidos que a Aeronáutica ! <sup>32</sup>), a artemidia, mesmo se produzindo no interior dos modelos vigentes, cria linguagens poéticas, metalinguagens, que seguem na direção contrária destes modelos, criando “uns dos mais poderosos instrumentos críticos de que dispomos hoje para pensar o modo como as sociedades contemporâneas se constituem, se reproduzem e se mantêm.”<sup>33</sup>

<sup>29</sup> CAUQUELIN, ,1986, p. 8. (tradução livre feita pela autora)

<sup>30</sup> MACHADO, A. 2004, p.5.

<sup>31</sup> Idem, p.6.

<sup>32</sup> LIPOVETSKY, 2011, P.25.

<sup>33</sup> MACHADO, 2004, p.6.

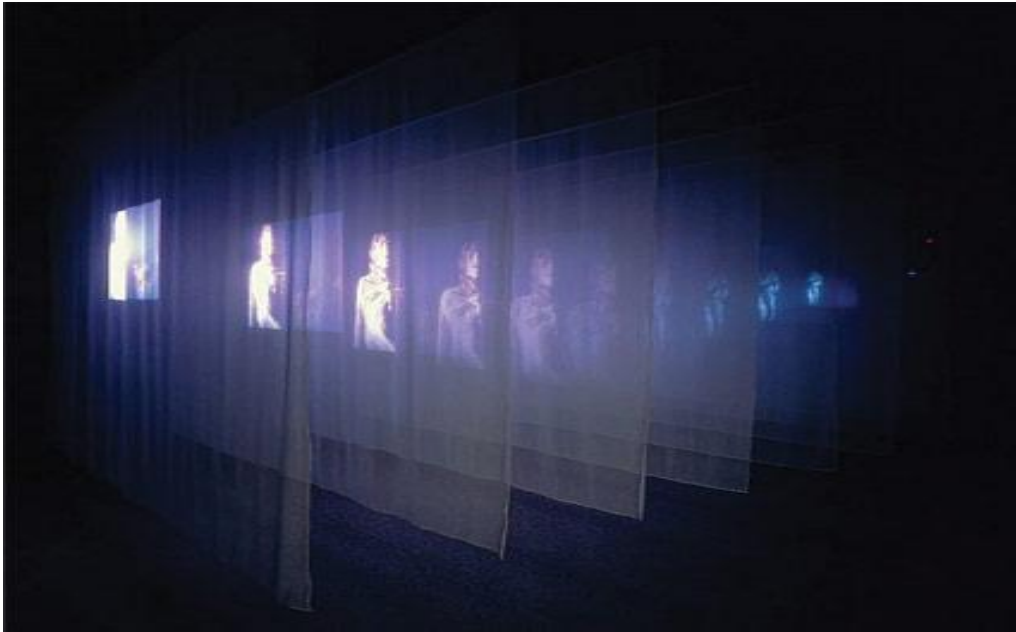


Figura 5 : Bill Viola –video-instalação. *Véus*, 1995. Fonte : [www.billviola.com/](http://www.billviola.com/) – acesso em 05.03.12

Vários artistas contemporâneos trabalham com a cibercultura, resignificando recursos computacionais, realizando instalações interativas, infografias<sup>34</sup>, criando ambientes virtuais, experiências nas interfaces entre corpos e dispositivos eletrônicos revelando a dimensão poética dessa interação e sua potencialidade de renovar nossas relações e formas de pensamento.

Nas tecnologias interativas, o público é um participante da experiência, abandonando a velha contemplação passiva, para dialogar através de dispositivos circulando em bits, ondas, fluxos, em trocas imediatas, em escalas planetárias. (...) Tudo se conecta com tudo, tudo está em estado de permutabilidade, de possibilidade. (...) Sua inspiração e suas intenções poéticas, sua originalidade se conectam com informações de toda parte, e se revitalizam permanentemente por interconexões com saberes científicos. Sua identidade de criador se dispersa com a de outros autores. A diluição do conceito de autor se reforça no momento da fruição ou da distribuição através da partilha com os participantes da experiência, pois não se trata mais de um público em atitudes contemplativas, mas de sujeitos/agentes que recebem e transformam as ações em decisões o que lhes é proposto.<sup>35</sup>

Na arte digital predominam partilha, participação, questionamentos, desregulamentações, discontinuidades, espaços abertos e inacabados. A capacidade criadora humana aliada às possibilidades tecnológicas propicia deslocamentos e hibridizações que apresentam novas linguagens, novas expressividades.

<sup>34</sup> Imagens criadas no computador.

<sup>35</sup> DOMINGUES, D, in PILLAR, A. 2009, p..39-40.

As aulas de arte podem se constituir, portanto, como espaços de exploração expressiva das tecnologias, acoplando-as aos processos mais tradicionais de criação, costurando o passado com o futuro, produzindo um tecido de temporalidades, espacialidades e materialidades diversas, atuando criativamente em tudo o que a vida vem nos trazendo. Podem utilizar a possibilidade de acessar pela internet, trazer para dentro da sala de aula, ateliers de artistas, exposições em museus do mundo todo, oportunizar visitas virtuais e múltiplas experiências artísticas, ampliando estrondosamente os repertórios e horizontes de professores e estudantes. Podem compartilhar na rede, a produção cultural dos alunos de forma interativa, amplia o caráter lúdico e coletivo da criação.

Estas novas e múltiplas paisagens são desafiadoras, provocando inseguranças e dúvidas de como construir, desenhar, percorrer percursos nestes labirintos feitos de tantas informações, imagens, sensações, sentimentos... Sentimo-nos à deriva, mas vivos, construindo e desconstruindo a cada momento, nossos saberes, nossos hábitos, buscando, através da arte, a criação de uma nova forma de estar no mundo.

### **Antes de desconectar...**

Nestes tempos em que os interesses econômicos predominam, trabalhar as mídias, através das artes, pode gerar movimentos de potencialização, descoberta de novos ritmos e formas de conhecimento onde os instrumentos tecnológicos passam subsidiar projetos éticos e estéticos que re-inventem a humanidade. Diante destes tempos/paradoxos, de espaços escolares limitantes e fechados, de ciberespaços em deriva indefinidamente abertos, podemos projetar percursos, propor caminhos que, ainda de sentido incerto, propiciem definidos passos, esbocem rotas que evitem demasiados desvios. Para que, embora nossos olhares sejam sempre limitados, não sejam limitantes.

Compreendendo que nestas redes de significações e incertezas estamos nós e a arte, ela mesma multiplicadora de sentidos e, uma vez que “a obra de arte só se oferece a quem conquista o seu acesso”<sup>36</sup>, tomamos em nossas mãos a produção de nossas vidas. Não mais serviçais da fragmentação e do descaso, mas aprendizes da pluralidade. Buscamos nos acontecimentos, nas linguagens, nos outros, em seus sons, imagens e cores, confundidos e misturados aos nossos, uma alteridade, impedindo-nos de ficar presos à rigidez de sermos indefinidamente iguais a nós mesmos. Propiciamos condições para que o gesto transgressor da arte contamine as práticas escolares, suavizando sua aridez, dissolvendo preconceitos,

---

<sup>36</sup> PAREYSON, 1997, p73

poetizando suas falas, espacializando seu tempo, temporalizando seu espaço, fecundando territórios, criando alegrias e espantos.

Que possamos, professores e estudantes, e quem mais quiser, cantar com Alberto Caieiro:

*Sei ter o pasmo comigo*

*Que teria uma criança se, ao nascer,*

*Reparasse que nascera deveras ....*

## **BIBLIOGRAFIA**

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a Educação**. Petrópolis, Vozes: 1999

BARBOZA, Ana Mae. **Arte/Educação Contemporânea, Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez, 2008.

BARTHES, R. **O Rumor da Língua**. SP Martins Fontes 2004.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço Literário**. Rio de Janeiro, Rocco: 1987.

CAUQUELIN, Anne. **Court traité du fragment**. Paris: Aubier, 1986, p. 8.

COSTA, M. **O Sublime Tecnológico**. SP, Experimento, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. São Paulo, Graal, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

DOMINGUES, Diana, in **A educação do olhar no Ensino das Artes**. PILLAR, Analica Dutra (org). Porto Alegre, Mediação:2009.

FANTIN, M. e RIVOLTELLA, C. **Crianças na Era Digital**. REU, Sorocaba, SP, v.36, jun2010.

FRADE, I. **Tecnologias do afeto**. Palíndromo n 4, CEART, Florianópolis, 2010.

FRAGOSO, M. L. **Tecnologia e arte: a estranha conjunção entre “estar vivo” e subitamente “estar morto”** Palíndromo no4, CEART, Florianópolis, 2010.



- FREIRE, Paulo . **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1977.
- GALLO, Silvio. **Deleuze e a educação**. Belo Horizonte, Autentica: 2008
- GUATTARI, Felix. **Caosmose**. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.
- KASTRUP, Virginia. **A invenção de si e do mundo**. Belo Horizonte, Autentica, 2007.
- KONESKI, Anita. **A arte na aventura da Interpretação**.in Revista Nupeart, UDESC, Florianópolis, 2002.
- HERNANDEZ, F. e SANCHO,M.J. **Tecnologias para Transformar a Educação**. POA, Artmed: 2006.
- LEVI, Pierre, **O plissê fractal**. 1998. [www.caosmose.net/pierrelevy/plissefractal.html](http://www.caosmose.net/pierrelevy/plissefractal.html) . acesso em 27/02/2012
- LIPOVETSKY, Gilles, SERROY, Jean, **A Cultura mundo**, SP, Companhia da letras, 2011.
- MACHADO, Arlindo. **Arte e Mídia**
- MARTINS, Mirian Celeste. **Mediação: Provocações Estéticas**. São Paulo: UEP, 2005.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005.
- MEIRA, Marly. **Filosofia da Criação**. Porto Alegre, Mediação: 2003.
- MORIN, Edgard. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo, Cortez: 2002.
- PESSOA, Fernando. (Alberto Caieiro) **Obra Poética**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1997.
- REY, Sandra. **Da prática é teoria: três instâncias metodológicas sobre pesquisa em Poéticas Visuais**. Porto Arte, Porto Alegre, v7, n13. UFRGS, 1990.
- RIVOLTELLA, P.C. **Mídia Educação e pesquisa educativa**. Perspectiva, Florianópolis, v. 27, n 1, 2009.
- \_\_\_\_\_ FANTIN,M e GIRARDELLO, G. (orgs). **A Formação da consciência civil entre o “real” e o “virtual**. In Liga, roda,clica.Campinas, SO, Papirus: 2008.
- SANTAELLA, L. **Fábulas enigmáticas para o real tecnológico**, in Trans-e: o corpo e suas tecnologias. Caxias do Sul: Educas, 1995.
- SANTOS, Alckmar L. **Leituras de nós: ciberespaço e literatura**. SP, Itaú Cultural, 2003.
- TARDIF, Maurice, LESSARD, Claude. **O trabalho docente**. Vozes, Petrópolis, 2005.
- ZANELLA, COSTA, MAHEIRIE, SANDER, DA ROS. **Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso**. Florianópolis, UFSC: 2007.